

## **O DESEJO E SUA RELAÇÃO COM O MAL-ESTAR SOCIAL: ASPECTOS FILOSÓFICOS E PSICOLÓGICOS**

### **DESIRE AND ITS RELATION TO BEING BAD SOCIAL ASPECTS PHILOSOPHY AND PSYCHOLOGY**

<sup>1</sup>ROSSITTO, A. R.; <sup>2</sup>FERRAZA, D.

<sup>1e2</sup> Curso de Psicologia - Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

#### **RESUMO**

A sociedade não é algo inerte, evolui ao longo dos anos a fim de atender as novas perspectivas exigidas, essencialmente, pelos meios de produção. Assim, a cada nova exigência, novos paradigmas vão se estabelecendo, o que implica na constituição de novos valores a serem assumidos pelos indivíduos. É importante destacar que o desejo é inerente ao sujeito, essa condição de desejar pode ser explicado pela filosofia, como também pela psicologia, contudo, relacionando ambas as ciências menciona-se que o desejo, em sua essência, origina-se da sedução, daquilo que é considerado como ideal e necessário a ele. A não efetivação de um desejo a que é imposto ao indivíduo oferece-se margem ao mal-estar. Assim sendo, considerando essa conjuntura, o objetivo desse artigo foi o de levantar informações da filosofia e da psicologia acerca do desejo humano e expor a sua relação com o mal-estar da civilização, a fim de que se possa compreendê-las em sua essência. A metodologia a ser utilizada para a elaboração desse trabalho é o da pesquisa bibliográfica descritiva, na qual, a partir da concepção geral dos autores tratados, será exposta análise das informações levantadas.

**Palavras-Chave:** Desejo; Mal-Estar Social; Sociedade

#### **ABSTRACT**

Society is not something inert, has evolved over the years to meet the required new perspectives, essentially the means of production. Thus, each new requirement, new paradigms will be established, which implies the creation of new values to be undertaken by individuals. Importantly, the desire is inherent to the subject, this condition can be explained by the wish to philosophy, but also in psychology, however, seeing both the sciences it is mentioned that the desire, in essence, comes from the seduction of what which is considered ideal and necessary to him. The non-fulfillment of a desire that is imposed on the individual offers to rise to the malaise. Thus, given this context, the objective of this study was to gather information of philosophy and psychology about the human desire and expose their relationship with the malaise of civilization, so that they can understand it in its essence. The methodology to be used to produce this work of literature is descriptive, where, from the general conception of the authors treated will be exposed to analysis of information gathered.

**Keywords:** Desire; Social Malaise; Society.

#### **INTRODUÇÃO**

O tema do “desejo” é uma questão debatida há muito tempo, seja na filosofia ou na psicologia. A tentativa de se criar concepções filosóficas e psicológicas acerca do tema atraiu diversos autores em ambas as áreas e, ao longo dos anos, muitos se confluíram ou embateram-se em opiniões. O desejo é inerente ao indivíduo, é parte de sua essência, representando a condição crucial para a sua

existência. Não há como mencionar a existência do ser humano sem o desejo, portanto, o homem é um ser desejante em sua infinitude, em todo o curso da vida humana o desejo prevalece em seu substrato (CHAUÍ, 1990).

O desejo, em princípio, pode ser entendido como o elemento de motivação humana, pois é por meio dele que o indivíduo norteia o curso de sua existência, estabelece metas, delinea, a sua vida, determina o seu destino, ou seja, compreende-se que a vida do indivíduo é, em sua totalidade, consequência do seu desejo.

Assim sendo, considera-se que o tema que se relaciona ao desejo humano está em grande evidência em ciências como a filosofia e a psicologia. Diante dessa circunstância, o objetivo desse artigo é o de levantar informações da filosofia e da psicologia acerca do desejo humano e expor a sua relação com o mal-estar social, a fim de que se possa compreendê-las em sua essência.

A metodologia a ser utilizada para a elaboração desse trabalho é o da pesquisa bibliográfica descritiva, na qual, a partir da concepção geral dos autores tratados, será exposta análise das informações levantadas.

Este trabalho se justifica no sentido de se elaborar um material com informações relevantes em relação ao tema proposto, constituindo-se, assim, referência para análise e reflexão para a área de psicologia. Justifica-se, outrossim, para o conhecimento das transformações que vem ocorrendo ao longo do tempo e as maneiras como o sujeito tem interiorizado e estabelecido as suas relações, visando a construção de um olhar sobre o tema. As reflexões se fazem necessárias, também, nas práticas sociais e na clínica da atualidade para podermos pensar nas intervenções centradas no indivíduo e nas intervenções psicossociais.

## **AS RELAÇÕES ENTRE DESEJO E MAL-ESTAR SOCIAL: ASPECTOS FILOSÓFICOS E PSICOLÓGICOS.**

A palavra “desejo” pode expressar sentidos diversos em contextos diferentes. De acordo com Chauí (apud. NOVAES, 1990), a palavra desejo é derivada do verbo latino *desiderium*, que significa, em sua essência, de forma mais simplista, uma constelação, ou seja, aquilo que atrai. Contudo, observa à autora, que a significação do desejo está apoiada em três perspectivas, a do considerare, a

consulta de algo eminente para o direcionamento da vida do indivíduo; o *desiderare* é preterir essa consulta ou ser abandonado pelo eminente; e o *desiderium*, que é a própria decisão do indivíduo em tomar para si o destino a ser dado em sua vida. De acordo com Chauí (1990), o desejo tem sentidos opostos; a vontade consciente originada de sua própria decisão, denominado pelos gregos de *bóulesis*; como também pode ser considerado como a carência, um vazio que se inclina para fora de si e que busca ser preenchido, denominado de *hormê*.

Essa condição que se opõe, decisão consciente e carência, é evidente quando se busca o sentido do termo da forma tal como se é popular, tais como querer, ter vontade, ambicionar, ansiar entre outros sinônimos constantes nos mais diversos dicionários (CHAUÍ, 1990). Assim, o desejo remete a uma concepção do querer algo, de se alcançar alguma coisa, condição essa que se inicia a partir do contato com o objeto desejado, mais especificamente, como menciona Espinosa (apud. NOVAES, 1990), o desejo é o “fogo escondido”, emancipa à vontade humana e o indivíduo é seduzido ao desejo, na qual o leva à satisfação ou à insatisfação.

Portanto, compreende-se que o desejo, quando não satisfeito leva à infelicidade, nesse sentido Arida (2008), ao abordar o desejo filosoficamente, menciona duas vertentes de representação do desejo: o desejo enquanto potência positiva uni o plano humano ao metafísico, afirmando o desejo do Ser; e o desejo humano como propensão ao excesso, às extravagâncias. A visão negativa do desejo, ligada à carência, à falta, mesmo ao demoníaco.

Nesse sentido, observam-se duas correntes filosóficas acerca do desejo, o estoicismo, na qual condena o desejo devido ao sentimento de carência e cobiça que proporciona; e o epicurismo, totalmente antagônico à corrente anterior, pois prima pela busca pelo prazer, no sentido de satisfação do desejo, conseqüentemente, levando o indivíduo à satisfação plena.

A filosofia moderna vai de encontro à essência de ambas correntes, dentre os quais se podem mencionar Kant e Shopenhauer. Kant (apud. DUMOULIÉ, 2005) pretere o desejo de toda a prioridade humana. Segundo ele, a faculdade de desejar atua em função do prazer que é propiciado pela concepção que o indivíduo faz da realidade dos objetos que deseja. Essa condição submete o sujeito a uma condição empírica ou patológica; esse desejo não pode ser o meio que vai regular a ação do indivíduo, mas sim, somente a lei moral, estribada no conceito do bem, pode proporcionar a prioridade da ação, em detrimento do desejo.

Já para Schopenhauer (apud. DUMOLIÉ, 2005), o desejo tem sua origem na carência, portanto, nasce de um sofrimento. Ao encontrar o objeto de desejo, satisfazendo-se, imediatamente, o indivíduo afunda-se na saciedade, no tédio e no aborrecimento, de modo que o objeto desejado perde esse paradigma, ou seja, emerge, mais uma vez o sofrimento, assim, o sofrimento está presente na origem e na saciedade do desejo.

Para Espinosa (apud. CHAUÍ, 1990) o desejo é alheio à razão, mais especificamente, é impossível que tenha o domínio sobre o desejo, pois o desejo é resultante de uma paixão imperiosa que jamais pode ser vencida pela razão.

Ao que se refere à concepção psicanalítica, para Freud (1996), o desejo tem sua origem em algo não satisfeito no passado. Dessa forma, elaborado pela linguagem, o sujeito do desejo, busca em diversas coisas ou objetos, de forma frenética, a satisfação desse desejo, na forma de sublimação. O desconhecimento em relação a esse objeto do passado e que foi perdido leva o indivíduo manter uma relação de continuidade e de similaridade com diversos objetos de desejo. De acordo com a concepção de Schopenhauer, exposta anteriormente, para Freud a satisfação de um desejo propicia, quase que imediatamente, um sentimento de insatisfação, levando o indivíduo a buscar um novo objeto de desejo, portanto, se trata de um círculo infinito.

Uma característica do desejo é o seu aspecto simbólico, no qual é satisfeito no contexto imaginário, de modo que o verdadeiro objeto de desejo deixa de ser natural e configura-se em um signo, posteriormente, em linguagem a ponto de que ela seja mais relevante que o próprio objeto. Assim, o pensamento, ou a imagem mnésica, nada mais é do que um substituto do desejo, na mesma perspectiva, enquadra-se os sonhos que, para Freud (1996), nada mais são do que as realizações dos desejos. Os sonhos nada mais são do que desejos reprimidos, que na impossibilidade de se efetivar no cotidiano humano, efetiva-se durante os sonhos. A essência do ser humano é o prazer, considerado como um dos propósitos da vida, e é por meio desse princípio que se domina o funcionamento do aparelho psíquico humano, porém quando tal ocasião é restringida, o prazer passa a ser substituído pelo mal-estar. Essa condição se justifica pelo fato de que o indivíduo é o sujeito do desejo, dele não se emancipa, por mais que todas as circunstâncias vão de encontro a ele.

Segundo Freud (1996), o sofrimento deriva-se de três perspectivas: do corpo físico, condenado a decadência; do mundo externo, que pode ir de encontro com o que se espera; e do relacionamento humano, que em determinadas situações, leva o indivíduo à decepção. São essas três condições que contribuem para o recrudescimento do mal-estar da civilização.

Para Freud (1996) a civilização foi moldada de forma a ser imposta a uma maioria sem resistência por uma minoria que viu nessa característica um meio de se obter a posse do poder e coerção. É essa condição que muitas vezes conduz o indivíduo ao sofrimento, impedindo de experimentar o prazer. Considerando que o prazer é consequência do desejo, subtemde-se que, por meio da concepção freudiana, o desejo não realizado é resultante do mal-estar da civilização.

Nesse sentido para Bauman (1997, p. 8):

A civilização impõe grandes sacrifícios à sexualidade e agressividade do homem. O anseio de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências particulares da civilização ou contra a civilização como um todo. E não pode ser de outra maneira. Os prazeres da vida civilizada vêm num pacote fechado com os sofrimentos, a satisfação com o mal-estar, a submissão com a rebelião. [...] o princípio de prazer está aí reduzido à medida do princípio da realidade e as normas compreendem essa realidade que é a medida do realista. O homem civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança.

Diante desse imperativo que reduz a limites mais estritos a satisfação dos desejos humanos, é muito difícil o homem ser feliz, justamente pelo fato de que não se pode ir de encontro ao inevitável como, por exemplo, a fragilidade do corpo humano, bem como à inadequação das regras que ajustam os relacionamentos do homem com a sociedade e com a civilização, ou seja, o ser humano está fadado a uma felicidade superficial. (FREUD, 1996).

Levando em deferência que o desejo, seja nas concepções filosóficas de Espinosa e Schopenhauer, seja na de Freud, resulta em uma satisfação momentânea e um posterior sofrimento, condição essa que é cíclica, entende-se que diante da limitação da civilização na oferta do prazer e da felicidade, o desejo também é limitado pela própria civilização. A consequência dessa condição é o mal-estar na civilização. A ausência da satisfação do desejo humano, em partes, relaciona-se com a atual condição da civilização, que proporciona um mal-estar ao

indivíduo em relação ao seu ser e estar no mundo, levando-o a um sofrimento constante, cíclico como o desejo.

## **DA MODERNIDADE À PÓS-MODERNIDADE: O ESPETÁCULO E O NARCISISMO**

Costuma-se se relacionar a modernidade e pós-modernidade com o desenvolvimento ocorrido no processo produtivo, onde se predomina a alta tecnologia, contudo essa dinâmica influenciou em diversos outros contextos, principalmente ao que se alude ao comportamento e valores da sociedade.

A modernidade e pós-modernidade constituem-se de períodos descontínuos na qual resultou em modos de vida distintos, tal como menciona Giddens (1991, p. 14):

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilham de todos os tipos racionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes.

Ao que se refere ao contexto extensional, Giddens (1991) menciona que as formas de comportamentos determinaram forma de interconexão social em um aspecto amplo, macro, a nível mundial, no que tange à forma intencional e transformou conjunturas íntimas e pessoais dos indivíduos, comuns no cotidiano.

Para o autor, esse processo nada mais é do que um processo natural da evolução humana e da evolução social. Dessa forma, esse processo de evolução não representa, em sua essência, uma positividade ampla e rigorosa, esse contexto positivo é limitado ao capitalismo, muito embora seja estendido aos indivíduos sociais, em determinado momento, muitos deles passam a questionar sua realidade em função desse desenvolvimento, tal como a concepção de Weber (apud. GIDDENS, 1991, p. 17): “[...] vendo o mundo moderno como um mundo paradoxal onde o progresso material era obtido apenas à custa de uma expansão da burocracia que esmagava a criatividade e a autonomia individuais.”.

Essa ausência de autonomia e restrição da criatividade dos indivíduos resultaram em um mal-estar social, na qual Freud denominou de mal-estar da civilização. Para Freud (1996) essa condição tornou a vida humana difícil de

suportar justamente pelo fato de que o indivíduo já não tinha um papel definido dentro da sociedade, as diversas transformações do mundo moderno fizeram dele um ser sem paradigma, na qual, o fez buscar incessantemente os padrões impostos.

Diante dessas condições, o indivíduo se vê em vicissitudes extremas em seu cotidiano que muito embora possa lhe resultar em benefícios imediatos, em outros momentos o limitam sobremaneira, é essa a última condição que o leva ao sofrimento, justificando-se assim o aspecto de segurança e perigo, confiança e risco mencionado por Giddens (1991). É nessa condição que o indivíduo passa a negar a realidade em que vive, uma vez que o que, em tese, representaria a felicidade, já não mais atua nesse sentido, pois para Freud (1996) a complexa estrutura do aparelho mental humano admite, contudo, um grande número de influências. Assim como a satisfação do instinto equivale à felicidade, assim também, um grave sofrimento surge caso o mundo externo deixe definhando o sujeito, caso se recuse a satisfazer as suas necessidades.

Observa ainda Freud (1996) que o indivíduo busca se libertar de seu sofrimento agindo instintivamente, anulando-se. Contudo, a margem da realidade da qual se situa, passando a embater com um paradigma da qual não consegue se inserir devido à insegurança, por consequência, limita a sua felicidade.

Essa mesma condição de segurança prevalece nas relações pessoais, de modo que, de acordo com Giddens (1991), os indivíduos criam expectativas em relação a outros indivíduos, na qual esperam correspondência semelhante ao que oferecem. No entanto, devido à suscetibilidade constante da modernidade, essas condições podem resultar em decepção para o indivíduo e propiciam, igualmente a infelicidade. Ao se romper essa tênue fronteira de segurança, o indivíduo tem sua felicidade comprometida, levando-o ao desinteresse nessa relação, bem como em outras, causando-lhe um mal-estar nas relações sociais, em que passa buscar as sublimações para compensar suas decepções.

A sublimação é definida por Freud (1996) no contexto sexual mais especificamente, como o sentido que a libido de um objeto é transferida para um outro objetivo. Contudo, ao longo dos estudos freudianos a sublimação aparece dessexualizada, cujas pulsões são transmigradas para outros sentidos das necessidades humanas, objetivando a compensar desejos não realizados.

De acordo com Freud (1996), diante dos sofrimentos e decepções da vida, o indivíduo busca soluções paliativas nas quais são mencionadas as satisfações

substitutivas que são ações que visam compensar a infelicidade como, por exemplo, a substituição de um amor por um caso fortuito para preencher o espaço deixado pelo outro. Ou ainda o sectarismo em uma religião, bem como as substâncias tóxicas, que tem a potencialidade de alhear o indivíduo de sua realidade. “[...] A vida, tal como nos encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muito sofrimento, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-las, não podemos dispensar medidas paliativas.” (FREUD, 1996, p. 83).

Uma das principais características da modernidade e pós-modernidade é a presença incisiva do narcisismo da sociedade espetáculo. A sociedade passou a ser midiática, na qual o agir e pensar do indivíduo passou a ser regulado pela tecnologia em que a imagem passou a ser mais relevante do que o próprio indivíduo, anulando o indivíduo de si só, fazendo da realidade um espetáculo, tal como menciona Debord (1997, p. 13): “[...] o espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo.” Ou seja, esse novo padrão da realidade propiciado pelo pós-modernismo não tem como pretensão representar uma verdade, mas sim criar modelos a serem seguidos mesmo que não seja esse o interesse dos indivíduos, de modo que o espetáculo não se refere especificamente a um conjunto de imagens, mas sim uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. Dessa maneira, observa-se que a sociedade, representada pelo espetáculo é volúvel, é dinâmica, na qual situa o mundo real em meras imagens e estas em motivações para determinar um comportamento que corresponda ao espetáculo.

Diante disso, compreende-se que o indivíduo está aprisionado às imagens, a cada nova, elas passavam a ser necessárias, passam a ser desejo, passam a ser sonho. Assim, conforme relata Debord (1997), o espetáculo é um sonho negativo da sociedade pós-moderna, representa uma fabricação da alienação, representada pela sociedade narcisista que busca incansavelmente corresponder os paradigmas fabricados pela indústria, pelo capitalismo pós-moderno, ou seja, a imagem passa a ser uma mercadoria a ser consumida, o objeto de desejo, Entretanto, diante da impossibilidade da satisfação desse desejo surge o mal-estar do indivíduo, conseqüentemente, a infelicidade, nesse sentido observa Freud (1996, p. 90):

Daqui podemos passar à consideração do interessante caso em que a flexibilidade na vida é predominantemente buscada na fruição da

beleza, onde que esta se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento – a beleza das formas e a dos gestos humanos, a dos objetos naturais e das paisagens e objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante.

Dessa forma, compreende-se que o espetáculo da sociedade contemporânea exige do indivíduo à correspondência daquilo que apresenta por meio de imagens, do contrário, o mundo passa a ser ameaçador, obrigando ele a buscar os meios para compensar sua condição.

De acordo com a posição de Freud (1996), percebe-se uma transformação da intimidade e identidade do indivíduo, na qual se desenvolve uma preocupação com a auto-satisfação, objetivando corresponder ao narcisismo exigido pelo mundo externo ameaçador, representando, outrossim, uma apropriação das circunstâncias nas quais as influências globalizadas que ingerenciam o cotidiano do indivíduo.

Ao não corresponder a essa perspectiva, ao não se enquadrar no contexto do coletivo em termos comportamentais, de consumo e de harmonizar com os paradigmas estabelecidos, surge o que Freud denomina de mal-estar na civilização. Novamente, o indivíduo se apoiará nas pulsões compensatórias, as sublimações, na qual procura encontrar um “eu” que condiz com o que idealiza. Para Freud (1996) o ideal do “eu” exige a sublimação, porém, não se pode obter pela força. A sublimação é um processo particular, o “eu” ideal pode estimulá-la, mas a sua efetivação é independente do estímulo.

É nesse sentido que se justifica o uso abusivo de drogas e de medicamentos, bem como o surgimento das anorexias e das bulimias; mencionam-se, igualmente, mulheres que se submetem a incontáveis cirurgias plásticas na busca de um corpo perfeito, a fim de corresponderem a um padrão perfeito ou, até mesmo, a prática exagerada de exercícios físicos. (BAUMAN, 1997). Para Debord (1997) essas imagens não têm nenhuma consistência, pois a felicidade preconizada pela sociedade narcisista está apoiada em um acúmulo de coisas, destituída de valor social.

A supressão da personalidade acompanha fatalmente as condições da existência submetida às normas espetaculares \_ cada vez mais afastada da possibilidade de conhecer experiências autênticas e, por isso, de descobrir preferências individuais.

Compreende-se então que o indivíduo renuncia-se a si para tentar corresponder às expectativas impostas pela exigência do padrão da sociedade, a fim de atender ao apelo narcisista que ela proporciona. Refere-se a uma condição de sobrevivência, contudo, ao não conseguir tal intento, surge o mal-estar, a infelicidade.

## **CONCLUSÃO**

Compreende-se que o mal-estar na sociedade contemporânea, de acordo com as concepções freudianas, é pertinente a um modelo social, na qual o indivíduo buscou agir conforme a necessidade do ego que se frustrou. Isso resultaria em prejuízos na criatividade, nas interações e na aceitação de sua realidade, cujas conseqüências é a constituição de um sujeito não auto-suficiente, fechado para o afeto e compreensão e, muitas vezes, atormentado pela culpa. Debord (1997, p. 18) faz a seguinte menção: “Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico.”

Levando em consideração o que foi tratado acerca dos aspectos da modernidade e pós-modernidade, relacionando-as com as noções de sociedade do espetáculo, pode-se compreender que a sociedade contemporânea representa uma extensão das transformações que se iniciaram na própria essência do advento da modernidade, decorrentes da evolução do próprio sistema capitalista. No entanto, a sociedade contemporânea ou pós-moderna, período este representado com o advento da tecnologia de massa e da globalização da economia que fez do mundo um único espaço, ingerenciou incisivamente no comportamento do indivíduo, exigindo dele uma conduta condizente aos padrões impostos. Contudo, tal condição limita a sua individualidade, gerando conflitos decorrentes da não correspondência a esses padrões, cujo resultado é o mal-estar pelos desejos e pulsões não satisfeitos, cujas conseqüências são sobremaneira deletérias, levando ao indivíduo a questionar a sua própria condição de ser e estar no mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIDA, Sandra Garcia Perez. **O desejo. O percurso filosófico e de Freud acerca da teoria do desejo.** Especialização em Psicanálise e Linguagem. PUC: São Paulo, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio e Janeiro: Zahar, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Laços do desejo.** In. NOVAES, Adauto. O Desejo. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEBORD, Guy. **A sociedade espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOMOULIÉ, Camille. **O desejo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. (1927-1931).** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

NOVAES, Adauto. **O desejo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.